



Aletheia

ISSN: 1413-0394

mscarlotto@ulbra.br

Universidade Luterana do Brasil

Brasil

Magagnin, Cirilo; Körbes, Jussara Maria; Hernandez, José Augusto E.; Cafruni, Sirlei; Tailor
Rodrigues, Manoel; Zarpelon, Marlei

Da conjugalidade à parentalidade: Gravidez, ajustamento e satisfação conjugal

Aletheia, núm. 17-18, enero-diciembre, 2003, pp. 41-52

Universidade Luterana do Brasil

Canoas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013455005>

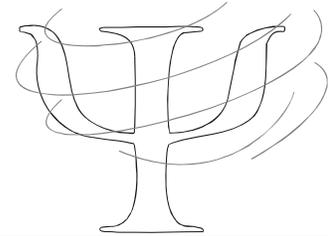
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Cirilo Magagnin
Jussara Maria Körbes
José Augusto E. Hernandez
Sirlei Cafruni
Manoel Tailor Rodrigues
Marlei Zarpelon

Da conjugalidade à parentalidade: Gravidez, ajustamento e satisfação conjugal

**From Conjuality to Parenthood: Pregnancy,
Adjustment and Marital Satisfaction**

RESUMO

Esta pesquisa faz parte de um estudo que pretende investigar longitudinalmente a transição da conjugalidade para a parentalidade quanto ao ajustamento diádico e a satisfação conjugal de casais primíparos. O presente relato compreendeu os dados coletados na primeira medida e, portanto, se caracterizou por um exame de corte transversal realizado nos primeiros meses de gravidez de 41 casais primíparos da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Esses sujeitos compuse-

Cirilo Magagnin é doutor em Psicologia Clínica e Saúde Mental, professor do Curso de Psicologia da ULBRA; **Jussara Maria Körbes** é doutora em Psicologia Clínica e Saúde Mental, professora do Curso de Psicologia da ULBRA; **José Augusto E. Hernandez** é mestre e doutorando em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), professor do Curso de Psicologia da ULBRA; **Sirlei Cafruni**, é mestre em Psicologia e professora do Curso de Psicologia da ULBRA; **Manoel Tailor Rodrigues** é psicólogo (ULBRA); **Marlei Zarpelon** é psicóloga (ULBRA) e os alunos colaboradores (**Claudiomar Chaves de Freitas, Gustavo Pedro Polese, Luiz Felipe Zanette, Luiz Roberto Torrano e Quênia Velho Mello**) do LAPS (Laboratório de Psicologia da Saúde).

Endereço para correspondência: laps@ulbranet.com.br

ram uma amostra de conveniência e foram abordados em clínicas médicas, postos de saúde, hospitais e em suas próprias residências. Foi garantido o sigilo referente às respostas e assinada uma adesão voluntária pelo participante. Para coleta de dados foram utilizadas a Escala de Ajustamento Diádico de Spanier (1976, 1982) e a Escala de Avaliação da Relação de Hendrick, Dicke, Hendrick (1988). Os dados foram analisados pelo Statistical Package for the Social Sciences através de técnicas descritivas, correlações e comparações de médias. Os resultados mostraram correlação inversa entre a idade dos sujeitos e o fator expressão de afeto do ajustamento diádico. Além disso, os valores elevados das médias dos diversos fatores de ajustamento e satisfação corroboraram o clima esperado para o período focalizado, neste momento: a gravidez. Estes achados, em geral, apoiaram a literatura internacional sobre o tema e foram discutidos nesta perspectiva.

Palavras-chave: conjugalidade, parentalidade, gravidez, ajustamento diádico, satisfação conjugal.

ABSTRACT

This research is part of a larger study that intends to investigate longitudinally the transition from conjugality to parenthood in relation to the dyadic adjustment and the marital satisfaction of couples who had their first child. The present report includes the data collected in the first measurement and, therefore, characterizes itself as an transversal examination carried through in the first months of pregnancy of 41 couples at the Metropolitan Area of Porto Alegre City/RS, Brazil. These citizens had composed a sample of convenience and had been contacted in medical clinics, health care centers, hospitals and in their own residences. The Dyadic Adjustment Scale of Graham Spanier (1976, 1982) and the Relationship Assessment Scale of Hendrik, Dicke, Hendrick (1988) had been used. Data were analyzed by the Statistical Package for the Social Sciences through descriptive techniques, correlations and comparisons of averages. The results had shown inverse correlation between subjects ages and the factor expression of affection of the dyadic adjustment. Moreover, the high values of the averages of the diverse factors of adjustment and satisfaction had corroborated the climax expected for the focused period: the pregnancy. These findings, in general, had supported international literature on the subject and had been argued in this perspective.

Key words: parenthood, pregnancy, dyadic adjustment, marital satisfaction.

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é contribuir para a compreensão da psicologia da família, procurando examinar o ajustamento e a satisfação conjugal sobre os efeitos da transição da conjugalidade para a parentalidade em casais primíparos. Desta forma, constatou-se a necessidade de desenvolver projetos baseados em delineamento de investigação longitudinal. Este estudo se caracteriza por examinar a mesma amostra em diferentes momentos de tempo. A literatura tem apontado para esses desenhos de pesquisa pelo fato de produzirem conhecimentos mais consistentes com a realidade em detrimento de modelos transversais.

Esta pesquisa faz parte de um estudo

que pretende investigar longitudinalmente a transição da conjugalidade para a parentalidade quanto ao ajustamento e a satisfação conjugal de casais primíparos, antes e depois do nascimento do bebê. Neste estudo, portanto, com método longitudinal, os autores desta pesquisa estão retomando o ciclo vital familiar e explorando os dados coletados nos primeiros quatro meses da gravidez.

Durante a gestação as mudanças podem tomar rumos diferentes, o que era antes um investimento mútuo, passa a investir no bebê, mergulhando o relacionamento conjugal em uma nova configuração. Este investimento dos pais é direcionado para receber o primeiro filho, adaptar este novo membro na família, exigindo uma

nova organização ao ser incluído no núcleo familiar

É importante clarificar os motivos que levam o ser humano a sofrer profundas transformações nas suas relações conjugais nesse período transitório. Para tentar responder a estes questionamentos, recorreu-se à literatura existente.

Os autores desta pesquisa vêm investigando esta transição do jovem adulto em seu segmento para a parentalidade. A preocupação dos autores é descobrir as implicações emocionais que geram conflitos e que terminam por inviabilizarem as suas relações, levando-os a um rompimento. Quando isso ocorre, num primeiro momento há prejuízo para ambos, pois a separação é dolorosa e desgastante. A quebra dos vínculos relacionais proporcionam um sofrimento aos filhos, que por vezes, tornam-se órfãos de pais vivos, distanciados pela separação.

A transição da conjugalidade para a parentalidade é o período do ciclo vital familiar em que o investimento orientado para a organização marido-mulher é transferido para a relação pais filhos. Quando este processo for bem organizado parece produzir um ajustamento dos comportamentos e sua conseqüente satisfação.

Hendrick (1981) utiliza o termo satisfação para expressar os sentimentos subjetivos dos parceiros em seus relacionamentos. Para Clements, Cordova, Markman e Laurenceau (1997) a satisfação tem sido definida como uma atitude referente à qualidade do relacionamento conjugal.

Em suas pesquisas, Sears e cols. (1988) encontrou associação entre o tempo de duração da relação e satisfação. O nível de satisfação que um indivíduo pode obter em um relacionamento amoroso tem sido entendido como uma função da avaliação subjetiva que ele faz sobre a qualidade da sua relação amorosa.

A satisfação de um sujeito em relacionamento interpessoal depende da comparação que ele faz entre os resultados que alcança com a relação e seu padrão interno, um padrão individual de satisfação.

Acredita-se que este padrão é fortemente determinado pelas experiências do passado do indivíduo. Desta forma, uma pessoa acostumada a obter resultados altamente satisfatórios em seus relacionamentos deve possuir um “nível de comparação” muito alto, isto é, tem uma tendência para envolver-se em relações onde os benefícios superam amplamente os custos.

Murray, Holmes e Griffin (1996) realizaram estudos sobre a equidade, que é outro fator que exerce influência sobre a satisfação em uma relação. Ou seja, um relacionamento que é percebido como equitativo, comparação entre custos e benefícios, tende a ser avaliado como mais satisfatório do que um relacionamento onde não há equidade. Em geral, não gostamos de sentir-nos explorados ou explorando os outros. Neste sentido, os autores defendem a idéia de que a satisfação nas relações amorosas está associada mais com as percepções idealísticas do que com as percepções realísticas dos parceiros.

Collaruso (1995) refere que os jovens adultos não estão preparados psicologicamente para a parentalidade, preocupam-se bem mais com as urgências sexuais do que um estabelecimento de um relacionamento mais íntimo. O desenvolvimento em direção à intimidade surge com o crescente sentimento de solidão posterior ao ato sexual, nesse momento estabelece-se a conexão entre a emoção e o contexto sexual. O homem identifica-se com a parceira, a partir do repetida fusão do sexo e do amor, isso pode provocar uma grande mudança na sua capacidade para a intimidade, junto com uma significativa mudança intrapsíquica. Isso ocorre devido aos aspectos femininos do *self* que são projetados, aceitos e amados no parceiro. O ego ideal é alterado para incluir as aspirações da parceira, como por exemplo, quanto ao futuro do casal, o desejo de possuir filhos, ambições profissionais, entre outras.

Raphael-Leff (1997) refere que no período da gestação podem ocorrer mudanças quanto à sexualidade dos cônjuges. Esta, por vezes, acontece de modo sutil, quase

que imperceptível, por exemplo, o ato sexual que até então, era para fins procriativos, passa para uma mútua criação de novas experiências corporais separadas. Pode ocorrer também que a concepção da criança desejada venha intensificar uma nova expectativa no casal no tocante à sexualidade, onde cada um passa vivenciar um rejuvenescimento nas suas relações. Contudo, nesta etapa da gestação há muitas fantasias. Para alguns casais, a gravidez enriquece os relacionamentos íntimos; para outros, o ato sexual neste período, se processa como uma invasão ao feto, podendo ocorrer um aborto. É comum que durante a gravidez os casais aumentem e prolonguem as ansiedades relacionadas à prática sexual durante todo o período gestacional.

Para Brazelton e Cramer (1992) o ato sexual nos primeiros meses de gestação, pode ser visto como uma maneira de contribuir para aumentar a energia na companheira e que essa energia, de certa forma, passa para o bebê. Há homens, que durante a gestação reclamam que suas necessidades sexuais não são atendidas, e assim, os futuros pais dividem-se nos que alimentam suas esposas com carinho e ternura, e outros que se afastam por se sentirem frustrados devido ao ciúme que tem da esposa e do filho que vai nascer.

Raphael-Leff (1997) defende a idéia de que a esposa grávida não se sente mais sozinha, pois o bebê está junto dela, portanto. Esta condição da esposa desperta no companheiro um sentimento de que agora ele está sendo excluído. Este ressentimento pode gerar no marido uma insatisfação que pode se estender durante toda a gestação, aumentando os conflitos no relacionamento sexual do casal.

O mesmo autor refere que há homens que podem nutrir uma grande ternura, visto que, a sua mulher está carregando na barriga o seu filho, e para demonstrar toda uma gratidão, eles passam a cuidar de suas companheiras de um modo todo diferenciado, onde todos os cuidados e carinho são direcionados as suas grávidas, podendo ocorrer um aumento nos relacionamen-

tos sexuais destes casais. Outros, no entanto, desenvolvem a inveja e ciúmes, pois se sentem rejeitados por suas companheiras, então, passam abdicar do desejo sexual, evitando a aproximação ou qualquer forma de carinho. Às vezes, alguns homens neste período conflitivo para eles, passam a investir num sentimento machista, usando de violência verbal e física como uma maneira de descarregarem todas as suas ansiedades frente à gravidez da esposa.

As alterações no corpo da gestante podem contribuir para o desinteresse sexual do parceiro, pois, as suas formas não são mais as mesmas, e o marido já percebeu que ela engordou e que já não é tão bonita como antes. As mulheres também podem perder o interesse sexual pelo companheiro neste período da gravidez, pois em decorrência das mudanças ocorridas em seu corpo elas se sentem sem atributos físicos e por isso, rejeitadas pelos companheiros. Dentro deste quadro de conflito, elas podem desenvolver sentimentos de baixa-estima, e ser entendido para toda a gestação. Todavia, à medida que a gravidez vai avançando, começam a ocorrer novas motivações onde os parceiros vão produzindo novos meios de expressarem seus sentimentos que possam favorecer os relacionamentos afetivos dos futuros pais (Raphael-Leff, 1997).

Com a chegada da primeira gravidez podem surgir desajustes em casais que se encontram nesta etapa do ciclo familiar. Constata-se um número cada vez mais expressivo de separações que ocorrem logo após o nascimento do primeiro filho (Carter & McGoldrick, 2001).

Durante a gestação as mudanças vão tomando rumos diferentes. O que era antes um investimento de um para o outro, agora o casal passa a investir no bebê, portanto, a configuração do relacionamento conjugal passa a assumir um novo enfoque dentro desta nova realidade. Todo este envolvimento emocional dos pais é direcionado para receber o primeiro filho e adaptar este novo membro na família, exige uma reorganização, pois este, precisa ser incluído no núcleo familiar (Brazelton & Cramer,

1992). Em decorrência disto as relações conjugais podem ficar conflituadas principalmente nos aspectos da sexualidade.

Os transtornos psicológicos na gravidez sempre que surgem significam uma rejeição à criança, provocada por circunstâncias das mais variadas como econômicas, sociais ou por desamor do casal. É comum o marido sentir-se rejeitado, sentir-se com ciúmes, pois em breve a atenção e os cuidados que eram somente dele serão direcionados para o bebê (Langer, 1981).

A sexualidade na gravidez possui papel preponderante no ajustamento conjugal. É comum as mulheres grávidas sentirem-se gordas e rejeitadas pelos maridos. Isto ocorre devido a grande dificuldade em ajustar-se às mudanças no corpo decorrentes da gestação. Os conflitos dos homens na gravidez se dão pelo fato de que do mesmo modo que sentem orgulho de sua fertilidade, misturam sentimentos de opressão causados pelos novos rumos, onde a sua responsabilidade como pai será aumentada (aspectos de beleza, afeto e atenção).

Há homens que procuram evitar manter relações sexuais durante a gravidez, pois pensam que o bebê vai ser prejudicado. Outros as evitam por julgarem que o corpo da mulher, outrora forte, passa a ser considerado frágil durante a gestação (Dale & Roeber, 1992).

Algumas mulheres desenvolvem sentimentos de culpa, como se fosse errado ter desejos eróticos; já outras, aumentam o desejo não só pela prática sexual, mas sentem-se mais sensíveis, querendo receber carinho do seu companheiro (Maldonado e cols. 1996).

Diante de um universo de possibilidades que modificam os comportamentos em casais primíparos, a ansiedade pode aflorar na gravidez, acentuando-se mais com a chegada do bebê. As mudanças ocorrem a tal ponto em suas vidas, que pode ocorrer uma desestruturação emocional, ocasionando conflitos tão intensos, que poderá levá-los a um rompimento conjugal drástico, restando para o casal uma única saída, o divórcio.

Para que se possa compreender melhor a transição para a parentalidade, se faz necessário entender a evolução da estrutura familiar. Aries (1981) descreve este processo evolutivo. A família que encontramos hoje, nem sempre foi constituída da mesma forma, foram necessários alguns séculos, para que esta, atingisse a estrutura que se conhece hoje. Até a idade média a criança não participava da vida familiar, logo cedo era encaminhada para outros lares, cujo objetivo, era o de ser educada. O sentimento existencial profundo que encontramos nos pais atuais, não era alimentado neste período. A família era mais objeto de uma realidade moral e social, do que sentimental.

A transição para a parentalidade, e todas as novas concepções e transições que possam ocorrer a partir do primeiro filho, relaciona-se diretamente com o desenvolvimento psicosexual. Ela será plenamente vivida na medida em que o indivíduo passa de uma sexualidade pré-genital para uma sexualidade oblativa, que é condição necessária para que o indivíduo desenvolva um amor instintivo pelo outro, então, ocorrerá um deslocamento do narcisismo para a descendência. Ou seja, o filho torna-se pai e a filha torna-se mãe (Dolto, 1998).

Colarusso (1990) traz uma idéia semelhante, referindo que quando o casal se torna pai e mãe, uma família é formada e sua estrutura inicial é idêntica àquela família de origem, fecha-se então o círculo. A partir deste momento, todas as interações entre pais e criança produzem intensas emoções que estimulam uma reativação nos pais, referente a aspectos de sua primeira individuação, neste estágio passam a reviver momentos da simbiose.

A complexidade do papel da parentalidade não somente expande o *self* adulto, como também estimula uma individuação posterior dos jovens adultos de seus próprios pais. É neste momento que ocorrem mudanças intrapsíquicas, apresentando três questões: Primeiro, torna-se pai ou mãe é assumir um território que havia sido exclusivo dos seus progenitores; segundo, há

uma constante comparação, consciente ou inconsciente entre forma de criar e a maneira como eles foram criados. Esta situação se dá quando os pais criam seus filhos, essas comparações tendem a reforçar o senso de conexão e continuidade entre as gerações, particularmente quando os avós estão envolvidos com o cuidado de seus netos. A terceira questão é a habilidade de dar algo único e importante a seu próprio ciclo de desenvolvimento: netos (Colarusso, 1990). As questões edípicas não resolvidas poderão se expressar na forma de conflitos entre os novos pais e os avós, quando do acesso a esta criança.

Diante da diminuição do tamanho das famílias o jovem adulto ao casar não terá experiência que possa lhe ser útil, quando este assumir a parentalidade, pois não usufruiu da oportunidade de cuidar dos irmãos menores. As avós e tias, nem sempre estarão disponíveis no auxílio da maternagem do recém-nascido. As mudanças significativas que ocorreram neste período do desenvolvimento humano, relacionado ao evento do ato de ser pai ou mãe, fez com que, houvessem nestes, uma reorganização em seus procedimentos, onde tiveram que apreender a conviver com esta nova fase, num universo de grandes transformações (Berger, 1994 & Michels, 1993).

As considerações de Dolto (1988), Brazelton e Cramer (1992) dão sustentação para que se possa sugerir, que a transição para a parentalidade não se define somente com a chegada do bebê, mas se dá bem antes e ocorre de maneira lenta. Ela começa desde a nomeação dos pais a respeito do sexo, se será menina ou será menino. Este sentimento sobre o sexo da criança e as características físicas do bebê que vai nascer, levam os pais a experimentarem sentimentos distintos sendo esses, conforme o sexo do filho.

Referente a transição para a parentalidade, denota-se uma complexidade de desejos, anseios e sonhos que passam pela mente dos jovens adultos.

Os aspectos das relações edípicas são mencionados como fatores geradores de conflitos. Costa e Katz (1992) referem que

a partir do nascimento do filho, entra um terceiro na relação, que até então, era exclusiva marido-mulher. Esses autores sugerem que, quando existe um terceiro, seja real ou fantasiado, se desencadeiam conflitos de ordem edípicas que ativam ciúmes entre os parceiros. A mobilização desse conflito infantil universal ocorre porque a união dual do casal representa uma proteção contra o terceiro em discórdia na infância (o pai para o menino e a mãe para a menina).

A respeito desta inclusão de um terceiro Neder e Quayle (1996) afirmam que no momento em que a díade homem-mulher passa a incluir um terceiro, constitui-se num processo importante para que haja o desenvolvimento do núcleo familiar. Referem, ainda, que é com a chegada do primeiro filho que se realiza a passagem da díade para a tríade. E neste momento que se estabelece uma situação crítica, tanto do ponto de vista individual, quanto da ótica do casal. Isto novamente requer do casal novas formas adaptativas, para superarem mais esse momento de turbulência no seu relacionamento conjugal.

A parentalidade e todo o seu processo transitório, pode ser compreendida como uma expectativa da aceitação e adaptação do bebê que passa a ser o terceiro vértice do triângulo. Contudo, Szejer e Stewart (1997) assinalam que em alguns casais não conseguem funcionar de maneira harmoniosa a menos que sejam somente os dois. É nesse momento que ocorre a exclusão do terceiro. Segundo Brazelton e Cramer (1992), é nesta etapa da transição a da parentalidade, que começa a despertar o sentimento de abandono, evocado pelos sentimentos infantis de rejeição e a separação de cada um dos parceiros.

Enquanto o casal aguarda o primeiro filho, a ansiedade vai tomando forma nas relações conjugais. A preocupação aumenta, pelo fato de que logo em seguida o casal terá que compartilhar sua intimidade e recursos emocionais com um terceiro, neste período reaparecem as ansiedades edípicas, onde os aspectos relacionados à posse e à rivalidade acentuam-se, justamente como

acontece nos conflitos da infância. São quase que inevitáveis as ocorrências de ciúmes entre os casais neste momento transitório (Raphael-Leff, 1997).

Da mesma forma, Maldonado (1997) refere que muitas vezes, esses novos papéis, em que o jovem casal passa do ser filho ou filha para o ser pai ou mãe fazem imergir antigos conflitos que aconteceram no relacionamento do casal. Por exemplo, a mulher pode ter atuado como filha ou mãe do marido, contudo, ela precisa ajustar-se a essa nova realidade de ser mãe do seu bebê e não mais atuando como mãe do seu marido.

Benedeck (1959) é de opinião que a passagem do indivíduo à parentalidade é uma progressão deste desenvolvimento como já apontou a teoria da libido desenvolvida por Freud (1905). O ser humano desenvolve-se através uma libido pré-genital, indo esta, até a primazia genital. A maternidade fisiológica principia na adolescência, e serve de motivação para que se inicie a próxima fase, que é a parentalidade. A autora refere que durante a parentalidade o indivíduo continua a desenvolver-se, utilizando para isso os mesmos processos primários que operaram em sua própria infância, que são os mecanismos de identificação e projeção.

Sugere a autora que os mesmos processos psíquicos que se põem em marcha em um bebê, estão de forma análoga, presentes na mãe, por exemplo, é através da projeção da experiência gratificante de sentir-se uma boa mãe, isto a torna autoconfiante quanto as suas qualidades maternas, realizando uma nova integração de sua personalidade. Benedeck (1959), diz que neste processo ocorre um desenvolvimento recíproco dos dois egos, o da mãe e do bebê. Cada fase da maternidade, indo da gravidez até o pós-parto, é acompanhada por uma regressão a fase oral de desenvolvimento, fazendo retomar a repetição de um processo ocorrido na própria infância da progenitora da criança. As tendências receptivas da mãe, quanto a sua regressão a uma certa oralidade, facilitam em muito a identificação da mãe com o seu bebê.

De acordo com Mazano e cols. (1999), esse processo identificatório faz parte dos cenários narcísicos da parentalidade. Todavia, Peltz (1985), sugere que esses aspectos regressivos que vêm à tona nesse momento se caracterizam por uma significativa regressão psicológica e, que eles devem ser considerados mais como produtos de um conflito do que resultantes da parentalidade em si.

Algumas mulheres desenvolvem sentimentos de culpa, como se fosse errado ter desejos eróticos; já outras, aumentam o desejo não só pela prática sexual, mas sentem-se mais sensíveis, querendo receber carinho do seu companheiro.

MÉTODOS

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior que pretende investigar longitudinalmente a transição da conjugalidade para a parentalidade quanto ao ajustamento e satisfação conjugal em casais primíparos.

A escolha do contexto de transição do casal conjugal para o parental se deve ao fato desta fase representar uma mudança de grande repercussão na vida do casal, percebida como um, dos maiores impactos vivenciados durante o ciclo vital da família, caracterizada por um número expressivo de separações logo após o nascimento do primeiro filho do casal. Como se verificou, em alguns autores, entre eles, Cutrone e Sur (1991); Waldron e Routh (1981); Carter e McGoldrick (2001), parece que estes eventos estão relacionados com alterações nos níveis de ajustamento do casal e a sua satisfação.

O presente relato consta de dados coletados na primeira medida que foi nos quatro primeiros meses de gestação de 41 casais primíparos. A segunda coleta será realizada com os mesmos casais, após o bebê completar quatro meses de nascimento.

Para coletar os dados foi utilizada a Escala de Ajustamento Diádico de Spanier (1976 e 1982), composta por 32 itens, os quais, se subdividem em 4 fatores: Consenso Diádico, Satisfação Diádica, Coesão Diádica e Expressão de Afeto.

Para maior compreensão dos fatores descreveu-se brevemente cada um deles: O consenso diádico abrange o consentimento do casal nos itens: administração de finanças no lar, recreação, religião, afeto, amigos, relações sexuais, comportamento correto, filosofia de vida, negócios com parentes, metas e propósitos, tempo gasto juntos, atividades de lazer e decisões profissionais.

O fator expressão de afeto se manifesta através do relacionamento carinhoso, afetivo e troca de afeto. No questionário aplicado os itens são: demonstração de afeição, relações sexuais, demonstração de amor e disposição no relacionamento.

A coesão diádica refere-se à união, ao desejo de manter-se unido pelos ideais. Abrange os itens: envolvimento em questões externas e internas, estimulante troca de idéias, rir juntos, discutir calmamente entre si, trabalhar juntos em um ou vários projetos.

Satisfação diádica abrange a adaptação entre marido e mulher, companheirismo, intimidade afetiva, desempenho de papéis, gravidez, chegada do primeiro filho, discussão sobre o divórcio, separação, saída de casa após uma briga, confiança no parceiro, troca de beijos, felicidade do casal, futuro do casal, compromisso para o bom desempenho do casal.

Foi também utilizada a Escala de Satisfação de Hendrick, Dicke e Hendrick (1988) com o objetivo de se ter mais de uma medida para o fator, abrangendo os itens:

satisfação mútua das necessidades, grau de satisfação no relacionamento, qualidade da satisfação, tempo gasto juntos, expectativas, amor entre os parceiros, problemas em seu relacionamento.

Os dados foram coletados em hospitais, escolas, residências dos próprios sujeitos conforme prévio acordo. Os instrumentos foram aplicados individualmente a cada membro do casal. Foi garantido, a estes, o sigilo das informações. Foi, também, preenchido um termo de consentimento, no qual cada participante expressou objetivamente sua adesão voluntária à pesquisa.

Utilizou-se o programa de computador SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 9.0, para organização dos dados e análise estatística, constando de técnicas descritivas, correlações e comparações de médias.

RESULTADOS

Foram examinados 41 casais, com idade média de aproximadamente 28 anos, idade mínima de 18 anos e máxima de 52 anos.

Quanto ao tipo de casamento, observou-se que predominou o civil e religioso com 16 casais, do civil com 10 casais, do religioso com 4 casais, união consensual com 11 casais.

O tempo de duração da relação variou de 1 a 14 anos, com média de 4 anos e meio.

Tabela 1 - Valores médios dos escores nos fatores de ajustamento

Váriaveis	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Consenso Diádico	82	1,85	6,00	5,00	0,56
Expressão afeto	82	1,50	3,50	3,04	0,44
Coesão Diádica	82	2,20	5,80	4,49	0,89
Satisfação Diádica	82	3,60	5,70	5,04	0,44
Satisfação de Hendrick	82	3,00	5,29	4,38	0,47

O Coeficiente de Correlação de Pearson revelou correlação inversa ($r = -0,23$; $p = 0,04$) entre idade dos sujeitos e expressão de afeto; também, ($r = -0,29$; $p = 0,008$) entre idade e coesão diádica.

Não foram encontradas relações estatísticas significativas entre tempo e relação, ajustamento diádico e satisfação conjugal.

Também não foram encontradas diferenças sexuais entre os escores dos fatores de ajustamento diádico e satisfação conjugal

DISCUSSÃO

Nesta discussão considerou-se o pensa-

mento dos autores pesquisados na revisão teórica, os dados estatísticos levantados e os comentários dos autores desta pesquisa.

Foram encontrados dados estatísticos significativos, correlacionando-se a idade dos sujeitos e sua expressão de afeto, no caso, o coeficiente de correlação de Pearson que revelou correlação inversa ($r = -0,23$; $p = 0,04$). Isto pode indicar que quanto maior a idade, menor a expressão de afeto.

Também houve correlação inversa entre idade do sujeito e coesão diádica ($r = -0,29$, $p = 0,008$). Representa que quanto maior a idade, menor poderá ser a coesão diádica. Pode-se entender que a concordância a respeito de relacionamentos afetivos pode diminuir com a idade.

As médias altas da amostra indicaram que os fatores abordados: consenso diádico, expressão de afeto, coesão diádica e satisfação conjugal, espelham as vivências esperadas no período pesquisado que, neste estudo, foram os primeiros quatro meses de gravidez.

As autoras Carter e McGoldrick (2001) referem que com a chegada da primeira gravidez podem surgir desajustes nos casais que estão vivendo este período de conflitos quanto aos afetos, sexualidade e situações que envolvem os cônjuges. No presente estudo, os conflitos, os desajustes estavam presentes nestes casais, porém com a diferença de que, estes conseguiram lidar com os problemas à medida que foram surgindo.

Muitas mudanças ocorrem no período gestacional. Há todo um envolvimento emocional na primeira gravidez, pois o que era um investimento de um para o outro, agora é o investimento dos dois voltado para o bebê (Brazelton & Cramer, 1992). Embora haja toda uma questão conflitiva, nem sempre explícita, o período crítico que a primeira gestação traz, o emocional aflorado, necessita que os cônjuges consigam desenvolver mecanismos para lidar com seus conflitos. Este processo ajuda a canalizar os mesmos, podendo desta forma produzir satisfação e uma melhor qualidade de vida, sabendo equacionar estes problemas.

A média alta obtida por estes fatores de consenso, coesão, expressão de afeto e satisfação, indicam que a amostra examinada tinha condições de lidar com a problemática inerente ao processo (Relvas (1996). Caso contrário, o primeiro filho pode surgir como um tirano envolto em um mito de felicidade, pois ele passa a ser a grande esperança em termo de expectativas do casal. A autora cita ainda que o primeiro filho traz consigo um aumento de conflitos nas relações conjugais e no relacionamento. Porém, o filho esperado podia, aos nascer, amenizar aquelas expectativas que se desfazem pelo fato de nascer, observando que o filho é saudável e bonito.

Para Brazelton e Cramer (1994) o ato sexual nos primeiros meses de gestação, pode ser visto como uma maneira de contribuir para aumentar a energia na companhia e que essa energia, de certa forma, passa para o bebê. Há homens, que durante a gestação reclamam que suas necessidades sexuais não são atendidas, e assim, os futuros pais dividem-se nos que alimentam suas esposas com carinho e ternura, e outros que se afastam por se sentirem frustrados devido ao ciúme da esposa e do filho que vai nascer.

Raphael-Leff (1997) defende a idéia de que a esposa grávida não se sente mais sozinha, pois o bebê está junto dela. Esta condição da esposa desperta no companheiro um sentimento de que agora ele está sendo excluído. Este ressentimento pode gerar no marido uma insatisfação que pode se estender durante toda a gestação, aumentando os conflitos no relacionamento sexual do casal.

O mesmo autor refere que há homens que podem nutrir uma grande ternura, visto que, a sua mulher está carregando na barriga o seu filho, e para demonstrar toda uma gratidão, eles passam a cuidar de suas companheiras de um modo todo diferenciado, onde todos os cuidados e carinho são direcionados para suas grávidas, podendo ocorrer um aumento dos relacionamentos sexuais destes casais. Outros, no entanto, desenvolvem a inveja e ciúmes, pois se sentem rejeitados por suas companheiras, en-

tão, passam abdicar do desejo sexual, evitando a aproximação ou qualquer forma de carinho. Às vezes, alguns homens neste período conflitivo, passam a investir num sentimento machista, usando de violência verbal e física como uma maneira de descarregar todas as suas ansiedades frente à gravidez da esposa.

As alterações no corpo da gestante podem contribuir para o desinteresse sexual do parceiro, pois, as suas formas não são mais as mesmas, e o marido já percebeu que ela engordou e que já não é tão bonita como antes. As mulheres também podem perder o interesse sexual pelo companheiro neste período da gravidez, pois em decorrência das mudanças ocorridas em seu corpo elas se sentem sem atributos físicos e por isso, rejeitadas pelos companheiros. Dentro deste quadro de conflito, elas podem desenvolver sentimentos de baixa-estima, e ser estendido para toda a gestação. Todavia, à medida que a gravidez vai avançando, começam ocorrer novas motivações onde os parceiros vão produzindo novos meios de expressarem seus sentimentos que possam favorecer os relacionamentos afetivos dos futuros pais (Raphael-Leff, 1997).

Com a chegada da primeira gravidez podem surgir desajustes em casais que se encontram nesta etapa do ciclo familiar. Constata-se um número cada vez mais expressivo de separações que ocorrem logo após o nascimento do primeiro filho (Carter & McGoldrick, 2001).

Durante a gestação as mudanças vão tomando rumos diferentes. O que era antes um investimento de um para o outro, agora o casal passa a investir no bebê, portanto, a configuração do relacionamento conjugal passa a assumir um novo enfoque dentro desta nova realidade. Todo este envolvimento emocional dos pais é direcionado para receber o primeiro filho e adaptar este novo membro na família, exige uma reorganização, pois este, precisa ser incluído no núcleo familiar (Brazelton & Cramer, 1992). Em decorrência disto as relações conjugais podem ficar conflituadas principalmente nos aspectos da sexualidade.

Quanto à sexualidade, Raphael-Leff (1999) refere ainda que enquanto, o casal aguarda o primeiro filho, os conflitos surgem e vão dificultando as relações conjugais. Este período é mais uma etapa a ser vencida pelos casais primíparos nestes quatro primeiros meses da gestação.

Os envolvimento para a transição da parentalidade são amplos e complexos, pois uma nova percepção poderá ocorrer com o primeiro filho que está para nascer, podendo haver um desenvolvimento psicosssexual, onde o ato sexual deve ser feito por amor, desprovido de qualquer tipo de interesse. De acordo com Dolto (1998) e Brasileiro (2002) esta é a condição para que o indivíduo desenvolva um amor pelo outro, então, podendo ocorrer um deslocamento do narcisismo. O filho, além de ser filho torna-se pai, do mesmo modo, a filha além de ser filha torna-se também mãe. Dentro deste enfoque, os casais deste estudo, conseguiram uma boa concordância, nos itens das relações afetivas, visto que, as respostas indicaram que conseguiram entender este novo processo em suas vidas, mostrando evidências de que superaram juntos os seus conflitos desta transição tão importante para o estabelecimento e organização de um núcleo familiar.

Com o nascimento, cada interação pais-bebê ganha um novo sentido nas suas relações. É nesta transição, à parentalidade que levará o casal a um engajamento nesta nova condição (Dolto, 1998). Os resultados da amostra indicam que os casais possuem um consenso nestes aspectos e uma responsabilidade ao assumirem os papéis de pais.

Para Mazano e cols. (1999), esse processo identificatório entre pais-bebês faz parte dos cenários narcísicos da parentalidade dos casais. Todavia, Peltz (1985) sugere que esses mesmos aspectos regressivos que aparecem nestes cônjuges podem se caracterizar como uma regressão psicológica. Portanto, eles devem ser vistos mais como produtos de um conflito do que como efeitos resultantes da parentalidade propriamente dita. Diante deste conhecimento teórico, aliado à pesquisa, poderá trazer

uma nova visão na dinâmica da compreensão dos conflitos dos casais, nos aspectos que envolvem o ajustamento sexual.

Os casais da amostra indicaram que quanto mais avança a idade, menor poderá se tornar a expressão de afeto entre o casal. Esta hipótese poderá indicar que na situação discutida, se este conflito existir, é controlado adequadamente. O mesmo acontece com o fator coesão entre os casais, conseguiram lidar com suas ansiedades, superando-as de modo razoável, sem que houvesse prejuízos significativos nos ajustamentos da sexualidade, da parentalidade e das suas expressões de afeto.

A partir dos dados obtidos quanto à prática sexual e o ajustamento conjugal em casais primíparos, nos quatro primeiros meses de gestação foi observado que os casais apresentaram demonstrações afetivas nas suas relações conjugais e que houve ajustamento na transição da conjugalidade a parentalidade e suas relações sexuais neste período de gestação. Observou-se também que esses casais conseguiram lidar com os conflitos de maneira favorável neste período de transitório de suas vidas.

Pela complexidade do tema estudado há a necessidade de novos estudos que venham ampliar ainda mais o conhecimento das relações conjugais.

REFERÊNCIAS

- Aries, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Trabalho original publicado em 1975)
- Benedeck, T. (1959). Parenthood as a developmental phase. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 7, 389-417.
- Berger, K. S. (1994). *The developing person through the life span*. Worth Publishers.
- Brasileiro, R. De F.; Jablonski, & Feres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, v. 33 (2), 289-310.
- Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego* (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artes médicas. (Trabalho original publicado em 1981)
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. (1994). *Momentos críticos do desenvolvimento* (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1992)
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1990)
- Cárter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989)
- Costa, G. P. & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Colarusso, C. (1990). Effect biological parenthood on separation-individuation in adulthood *Psychoanalytical study of the child*, 45, 179-194.
- Colarusso, C. (1995). Traversing young adulthood the male journey from 20 to 40. *Psychoanalytic Inquiry*, 15, 75-91.
- Cutrone, C. E. & Suhr, J.A. The transition to parenthood em the importance of social support. Em: Fisher and C.L. Cooper (eds.). *On the move: The Psychology of change and transition*. John Wiley & Sons Ltd.
- Dale, B. & Roeber, J. (1992). *Exercícios prénatais - "Um guia para o bem-estar físico e emocionais durante a gravidez"*. São Paulo: Editora Maltese - Norma.
- Dolto, F. (1988). *Psicanálise e Pediatria*, (A. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1981)
- Dolto, F. (1998). *Solidão*. (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1995)
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (J. Salomão, Trad.). Em: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, VII, 177-249.
- Hendrick, S. S. Dicke, C & Hendrick (1998). Love and Insatisfaction. Em: Robert J. Stenberg & Mahzad Hojjat C. *Satisfaction in colse relationship*. New York: The Guilford Press.
- Hendrick, Susan S. (1981). A generic mea-

- sure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Langer, M. (1981). *Sexo e maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maldonado, M. T., Dichstein, J. & Nahoum, J. C. (1996). *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Saraiva.
- Maldonado, M. T. (1997). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. São Paulo: Saraiva.
- Manzano, J., Palácio-Espasa, F. & Zilkha, G. (1999). The narcissistic scenarios of parenthood. *International Journal of Psychoanalytic*, 80 (3), 465-476.
- Micheis, R. (1993). *Adulthood*. Em: *G. H. Pollock & S. I. Greenspan (Orgs.)*. The course of life: earir adulthood (pp. 1-14). Madison: International Universities Press.
- Murray, S. L; Holmes, J. G. & Griffin, D. W. (1996). The Self-Fulfilling Nature of Positive Illusions in Romantic Relationships: Love is not Blind, But Prescient. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 71, n. 6, 1155-1180.
- Neder, M. & Quayle, J. M. de B. R. (1996). Coletânea da ANPEPP (*Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em psicologia*), 1, 37-46.
- Peltz, M. (1985). Review of parenthood: a Psychodynamic Perspective. *The International Review of Psycho-analysis*, 485-490.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez interior* (R. D. Pereira, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1977)
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família - Perspectiva sistêmica*. (Biblioteca das Ciências do Homem). Porto Alegre: Edições Melhoramento, p. 77-78.
- Sears, D. O.; Peplau, L. A.; Freedman, J. L. & Taylor, S. E. (1988). *Social Psychology*. New Jersey: Prentice Hall.
- Spanier, Graham B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Saclaes for Assessing the quality os Marriage anda Similar Dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28.
- Spanier, Graham B. (1982). A confirmatory analysis of dyadic Adjustment Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 731 - 738.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher* (M. B. Benetti, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Waldron, H.& Routh, D. K. (1981). The effect of the First Child on the Marital Relationship. *Journal of Marriage and the Family*, 785-788.